

Apartheid tecnológico

Apartheid tecnológico! Na verdade, sabemos, o buraco é bem mais embaixo. Nossa crescente injustiça interna é característica dos países de nossa estirpe, não apenas por nossa sinuca terceiro-mundista, mas, principalmente, pela perpetuação de uma sociedade que ainda se define pela



Foto: Eduardo de Souza

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico

 cid.torquato@camara-e.net

dicotomia entre uma elite dominante e um enorme *lumpen proletariat*, desprovido e servil.

Nesse cenário de fome, de desemprego, de desrespeito, de juros irreais, de castigo tributário, de colapso dos serviços públicos, de informalidade, de analfabetismo, de abandono etc., falar em inclusão digital, soa, para muitos, quase como uma piada. O buraco é mais embaixo e a exclusão tecnológica aparece como um problema secundário, uma “frescura”, diante das urgências do subdesenvolvimento patente na maioria da sociedade.

É... mas, na verdade, não é. “Não haverá vida fora da Internet”, como vaticinou Bill Gates. É claro que o mundo “real”, de fato, continuará acontecendo, inexoravelmente, com ou sem web. Mas não há como pensarmos o presente e o futuro sem compreendermos a crescente onipresença das tecnologias da informação.

A solução de nossos problemas passa, inquestionavelmente, pelo que conseguiremos fazer de nossos recursos e potenciais tecnológicos, de nossa indústria e de nosso papel no tabuleiro mundial de compra e venda de produtos, e serviços de alto valor agregado.

Sem esquecermos de nosso legado de produzir alimentos para o mundo, a sociedade brasileira não pode deixar de compreender a modernidade tecnológica como obrigação estratégica e infra-estrutural para qualquer projeto desenvolvimentista. “Não haverá progresso sustentável sem o uso intensivo das tecnologias da informação”, deveria ser o mantra de nossa elite empresarial.

Por Cid Torquato

Hoje, enfrentamos um déficit próximo dos oito bilhões de dólares/ano em nossa balança comercial eletroeletrônica. Somos importadores, dependentes, de uma indústria absolutamente estratégica, o que nos coloca em uma sinuca de bico, pois, para o País crescer, como queremos, seremos obrigados a importar tecnologias, máquinas e programas, que não produzimos aqui. Se nada for feito, sem uma política nacional, com claros incentivos ao empresariado e-nacional, a balança comercial do setor será deficitária em, projetamos, até 30 bilhões de dólares antes do final da década. Não há superávit agrícola, mesmo com transgênicos, que consiga pagar essa conta.

Ou entramos no ecossistema global da crescente economia digital, como produtores e usuários, ou continuaremos condenando-nos, inexplicavelmente, à periferia irrecuperável do mundo desenvolvido. Sem uma política, e vontade política, de nos “tecnologizarmos”, como já estão fazendo todos os países realmente em desenvolvimento, vamos perpetuar nosso pré-industrialismo empresarial, nosso particular modelo de autocolônia, de privilégios e de antropofagia econômico-social.

Temos expertise e inteligência nativas para evitar o desastre da paralisante dependência externa em tecnologia. Mas, infelizmente, hoje, nos falta uma agenda e um amplo projeto de política nacional para nossa Economia Digital, que a simples adoção do software aberto, hoje elevado à prioridade nacional, certamente não resolverá. O buraco é mais embaixo e bem mais amplo.